

**EDGAR
MORIN
PETER
SLOTERDIJK**

**TORNAR
A TERRA
HABITÁVEL**

TRADUÇÃO

EDGARD DE ASSIS CARVALHO

FAGNER FRANÇA


edufnrn

**TORNAR
A TERRA
HABITÁVEL**



Reitor

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)

Judithe da Costa Leite (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Anna Cecília Queiroz de Medeiros

Erico Gurgel Amorim

Dany Geraldo Kramer Cavalcanti e Silva

Fabício Germano Alves

Gilberto Corso

José Flávio Vidal Coutinho

Josenildo Soares Bezerra

Kamyla Álvares Pinto

Leandro Ibiapina Bevilaqua

Lucélio Dantas de Aquino

Luciene da Silva Santos

Marcelo da Silva Amorim

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Marta Maria de Araújo

Martin Pablo Cammarota

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Sibele Berenice Castella Pergher

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago de Quadros Maia Carvalho

Editoração

Helton Rubiano de Macedo (Editor)

Revisão

Wildson Confessor (Coordenador)

Mariza Perassi Bosco (Revisão de tradução)

Camila Maria Gomes Gonçalves (Revisão linguística)

Design editorial

Rafael Campos (Projeto gráfico)

Fotografias da capa (Creative Commons)

EDGAR
MORIN
PETER
SLOTEDIJK

**TORNAR
A TERRA
HABITÁVEL**

TRADUÇÃO
EDGARD DE ASSIS CARVALHO
FAGNER FRANÇA



NATAL, 2021

59
anos

Fundada em 1962, a Editora da UFRN (EDUFRN) permanece até hoje dedicada à sua principal missão: produzir livros com o fim de divulgar o conhecimento técnico-científico produzido na Universidade, além de promover expressões culturais do Rio Grande do Norte. Com esse objetivo, a EDUFRN demonstra o desafio de aliar uma tradição de quase seis décadas ao espírito renovador que guia suas ações rumo ao futuro.

Publicação aprovada pelo Conselho Editorial da EDUFRN, com base em avaliação cega por pares, a partir de requerimento dos proponentes.

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte.
UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Morin, Edgar.

Tornar a Terra habitável [recurso eletrônico] / Edgar Morin, Peter Sloterdijk ; tradução Edgard de Assis Carvalho, Fagner França. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 400 KB). – Natal, RN : EDUFRN, 2021.

Modo de acesso: World Wide Web <<https://repositorio.ufrn.br>>.

Título fornecido pela editora.

Tradução de: Rendre la Terre habitable

Edição original publicada pela Editora Arthème Fayard/Pluriel, 2011.

ISBN 978-65-5569-165-8

1. Humanismo - Filosofia. 2. Civilização. 3. Ética. 4. Sociedade. I. Título. II. Sloterdijk, Peter. III. Carvalho, Edgard de Assis. IV. França, Fagner.

RN/UF/BCZM

2021/12

CDD 144

CDU 165.742

NOTA À EDIÇÃO FRANCESA

JOËL ROMAN

O texto que iremos ler foi extraído de vários debates no decorrer das sessões de trabalho do *Collegium International*. Criada em 2002, por iniciativa do presidente da Eslovênia, Milan Juéan, de Michel Rocard, de Stéphane Hessel e de inúmeras outras pessoas, essa instituição reúne estadistas, filósofos, economistas, sociólogos e historiadores do mundo inteiro, homens e mulheres cuja única vontade é usar juntos a inteligência para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Diante disso, nada mais natural do que Edgar Morin e Peter Sloterdijk integrarem esse grupo e assumirem nele um papel importante, principalmente na busca de um imperativo ético adaptado ao nosso tempo.

Evidentemente, o Editor agradece, em primeiro lugar, aos autores, Edgar Morin e Peter Sloterdijk, por terem aceito reler e corrigir o presente texto, bem como ao *Collegium International*, em particular ao seu Secretário-Geral, Sacha Goldman, que tornou esse diálogo possível. Os trabalhos desenvolvidos no *Collegium* podem ser consultados no site <http://www.collegium-international.org>.

SUMÁRIO

COIMUNIDADES 9

ALEX GALENO

FAGNER FRANÇA

LUCAS FORTUNATO

DIÁLOGO ENTRE EDGAR MORIN E PETER SLOTERDIJK 25

POSFÁCIO 74

EDGARD DE ASSIS CARVALHO

COIMU NIDA DES

ALEX GALENO
FAGNER FRANÇA
LUCAS FORTUNATO

Vivemos um momento crucial na história da civilização moderna. Nas palavras de Edgar Morin, uma *policrise*, que se arrasta pelo menos desde 2001, com o atentado ao *World Trade Center*, nos EUA, um marco simbólico, e que 20 anos depois atinge seu ápice: crise da alteridade, crise econômica, crise política, crise ambiental, crise ética, crise sanitária, manifestadas na degeneração da democracia, da convivialidade e da própria vida qualificada. Por toda parte, deslocamentos em massa, guerras e a *débâcle* da economia atestam a ruína de um modelo de civilização que agora culmina numa pandemia de proporções impensáveis, matando milhares de pessoas diariamente em todo o planeta.

Nunca precisamos tanto de pensadores capazes de imaginar outros mundos, outras possibilidades, outras vi(d)as para o futuro da humanidade. Para somar esforços nesse sentido, em 2002, foi criado o *International Ethical, Scientific and Political Collegium*, ou simplesmente *Collegium International*, cujo Secretário-Geral é Sacha Goldman. Trata-se de uma organização não governamental de estudos avançados em ciências humanas, que tem como objetivo responder aos principais desafios sociais do século XXI. Em seu quadro permanente de pesquisadores destacam-se Edgar Morin, seu presidente honorário, Henri Atlan, Peter Sloterdijk, Jürgen Habermas, Joseph Stiglitz e Amartya Sen, apenas para citar alguns.

Nessa apresentação, é nosso objetivo iniciar o leitor em algumas das principais ideias de Edgar Morin e Peter Sloterdijk, coautores de *Tornar a Terra habitável*, e também homenagear Morin, que, no dia 8 de julho de 2021, completou 100 anos de vida.

Morin nasceu em Paris, em 1921, logo após a Primeira Guerra Mundial, mas ainda a tempo de

sentir seus efeitos devastadores sobre a sociedade europeia. Na Segunda Guerra Mundial, participou na luta da Resistência Francesa contra a invasão alemã. Atuou como jornalista, foi membro do Partido Comunista Francês e acompanhou de perto os principais eventos que abalaram o século XX. Formou-se em Direito, História e Geografia, mas dedicou a vida principalmente à Sociologia, à Filosofia e à Educação, sempre tendo como pressuposto a religação dos saberes.

Em sua extensa obra, que conta com mais de 60 títulos, aproximadamente, destacam-se os seis volumes de *O Método*, escritos durante quase 30 anos e que lançam as bases do pensamento complexo. Impossível de ser classificado em termos disciplinares, seus críticos mais ferrenhos o definem como um pensador pós-moderno, um generalista empedernido, um iluminista tardio.

Nada mais longe da verdade. Aos 100 anos de idade, Morin continua um pensador jovial, lúcido, combativo e rebelde. Permanece fiel a uma gama de pensadores, poetas, romancistas, composito-

res, entre os quais estão Heródoto, Hegel, Spinoza, Rousseau, Kant, Pascal, Descartes, Marx, Husserl, Heidegger, Freud, Jung, Adorno, Simone Weil, Ilich, Dostoiévski, Proust, Beethoven, Buda, aos quais ele se refere simplesmente como “Meus Filósofos”, título de um dos seus livros traduzidos no Brasil, em 2013, pela Editora Sulina.

Peter Sloterdijk nasceu em Kalsruhe, Alemanha, em 1947, e é considerado um dos principais renovadores do pensamento filosófico contemporâneo. Com seu livro *Crítica da Razão Clínica*, publicado em 1983, saudado por Jürgen Habermas como “o mais importante evento desde 1945”, e por Michel Foucault, que reconheceu o ineditismo da obra no humanismo europeu, Sloterdijk conquistou um lugar definitivo entre os gigantes da filosofia. Traduzido em mais de 30 países, o livro foi publicado no Brasil, em 2012, pela editora Estação Liberdade, responsável também pela publicação de *Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo* (2000), uma pequena conferência proferida por Sloterdijk em 1999, que causou alvoroço no meio intelectual e na arena midiática à época.

Em seu livro de entrevistas *O Sol e a Morte*, publicado em 2007 pela editora Relógio d'Água, Sloterdijk refere-se a esse episódio. Certo dia, enquanto lia o jornal no café da manhã, viu seu nome no centro de um furacão midiático. Algumas das frases proferidas por ele em uma conferência sobre a obra de Heidegger, escolhidas e editadas a dedo e publicadas em diversos meios de comunicação, davam a entender que Sloterdijk propunha uma nova eugenia, comparável à do Terceiro Reich. Nada mais equivocado, como pode constatar o leitor ao conhecer sua obra. Na verdade, ele introduzia seu importante conceito de antropotécnica.

Em 2016, a Estação Liberdade publicou a tradução do primeiro volume da Trilogia das Esferas. *Esferas I. Bolhas – Microesferologia*, sua obra mais ambiciosa até o momento.

Ecossistemas da esferologia são encontrados no diálogo com Edgar Morin, principalmente ao tratar do paradigma imunológico. Para Sloterdijk, três paradigmas guiaram a história da humanidade: a imunologia do corpo – assunto que está na ordem do dia –, a imunologia jurídica e solidária e a imunologia simbólica.

Sloterdijk não se refere ao paradigma imunológico como imunidade de uns contra os outros, mas a uma coimunidade, o que eleva sua discussão para o nível da universalidade, da responsabilidade, da confiança, da ética, da solidariedade, do respeito à alteridade para com aqueles com quem construímos a imunidade, e sem os quais ela seria impossível. Não é isso que deveria ser feito hoje, por exemplo, com relação aos protocolos de saúde de proteção contra a Covid-19, que todos deveríamos respeitar? Não é a adesão de todos, ou, pelo menos, da grande maioria, às medidas de segurança que poderia garantir a diminuição das mortes e dos infectados?

O que Sloterdijk denomina coimunidade, Morin traduz em termos de uma sociedade interdependente, ideia que permeia toda a sua obra. É preciso ter a consciência de que pertencemos a uma mesma comunidade de destino e entender, como nas palavras de Montaigne, que “Cada homem tem em si a condição inteira da humanidade”. Habitamos todos o mesmo planeta, cada um de nós tem sua parcela de responsabilidade na manutenção e organização de nossa morada comum. A pandemia

do Sars-CoV-2 vem mostrando, de forma irrefutável, como estamos conectados.

Em consonância com o triplo sistema imunitário proposto por Sloterdijk, Morin ressalta a realidade trinitária constituinte da condição humana. Temos necessidade urgente de uma ética que leve em conta simultaneamente o sujeito, a sociedade e a espécie. Em outras palavras, os sistemas imunitários têm como base uma ética que precisa ser elaborada em termos interdependentes, recursivos: uma ética interior (do sujeito), exterior (que diz respeito à sociedade) e anterior (voltada para a espécie humana).

Pertencemos a uma mesma família, uma mesma comunidade de destino, estamos interrelacionados em uma complexa teia da vida e, de alguma forma, precisamos nos reconhecer assim. Entre pensamento e ação, porém, existe um profundo abismo, principalmente quando o recrudescimento da fragmentação e do identitarismo ganham terreno contra o comum, o comunal, capaz de formar coimunidade.

Embora não existam razões para otimismo em relação ao futuro do planeta, Morin aposta em

outras formas de organização social, em um Pensamento do Sul, que, sem diabolizar as conquistas do Norte, seja capaz de regenerar nossa relação com o outro, com o planeta, a partir de experiências ainda minoritárias e pouco sistematizadas. O leitor certamente compreenderá que *Tornar a Terra Habitável* pretende pensar outros modos de existência para a vida na Terra que coloquem em destaque a ética, a responsabilidade, a solidariedade.

O paradoxo de nossa situação, diz Sloterdijk, é que o pior ainda não aconteceu. Por isso, não dispomos de uma linguagem com plenos poderes para dizer a verdade ao poder, verdade que o faria mudar os rumos de sua atuação no mundo. Enquanto o pior não acontecer, pode ser que a linguagem da prevenção permaneça frágil e sua mensagem inaudível. Não faz sentido, porém, esperar pelo pior de braços cruzados. É necessário e importante lutar por todos os meios possíveis e por se inventar para elevar a humanidade acima de insuficiências autoimpostas que a impedem de viver seus mais altos e nobres sonhos. Do contrário, quando o pior acontecer, talvez estejamos todos mortos, ou irre-

mediavelmente condenados, e aí nenhuma linguagem fará mais diferença.

A imunologia de Sloterdijk reforça a ideia de interdependência de Morin para enfrentarmos as rígidas limitações e insuficiências da razão fechada. Como argumentam os dois pensadores, é preciso cuidar do outro com quem estabelecemos a comunidade e a interdependência, pois é isso que garantirá, ou não, a nossa sobrevivência. Responsabilidade, solidariedade e ética são palavras-chaves do mundo de hoje. Com isso evitaríamos a tripla degradação da natureza, da sociedade e do sujeito. Daí a importância da recuperação do conceito de *megalopsiquia*, extraído de Aristóteles, já que o indivíduo megalopsíquico é capaz de uma visão descentrada de si e ampliada para integrar o mundo e o outro.

A megalopsiquia exige atenção à importância da retomada dos conceitos de responsabilidade e solidariedade preconizados por Sloterdijk, pois “A época da terceirização dos efeitos de nossas ações está em vias de terminar”. Precisamos enfrentar seus efeitos agora. O lixo que produzimos, por

exemplo, que atinge a cifra de milhões de toneladas diárias, retorna inelutavelmente às nossas praias, casas e cidades para degradar a biosfera.

Para Sloterdijk, e em total consonância com seu conceito de antropotécnica, precisamos aliar responsabilidade e solidariedade. “A solidariedade é esse esforço para treinar as pessoas que ainda não aprenderam a ser membros de uma grande comunidade, composta sobretudo de estrangeiros”. Trata-se, portanto, de uma questão de responsabilidade coletiva. Por isso, a ética da hospitalidade precisa tornar-se uma ascese, um exercício diário de respeito ao próximo. Sim, parece improvável, mas é possível. Os grandes acontecimentos que mudaram o mundo foram, em seu tempo, considerados altamente improváveis.

Um pensamento para o século XXI precisa despir-se de seus andrajos, abraçar novas possibilidades e acreditar nelas. Se ainda há espaço para o pensamento utópico precisa ser já. Não a utopia do melhor dos mundos, mas a de um mundo melhor. Uma utopia concreta. É pensando nisso, para

além das ideias de reforma e de revolução, que Morin lança uma terceira via, a da Metamorfose. “Tal substituição poderia ser considerada como a expressão semântica mais importante do século XXI”, ressalta Sloterdijk.

Da mesma forma, é preciso estar preparado para outras reversões semânticas. Por exemplo, repensar o lugar que o Ocidente atribui às relações entre sujeito e objeto, razão e paixão, esquerda e direita, conservadorismo e progressismo, natureza e cultura. Metamorfose implica também colocar esses conceitos em perspectiva dialógica. Quando uma lagarta se transforma em borboleta, ela muda a estrutura da sua forma, mas conserva outros atributos indispensáveis à sua sobrevivência. Assim, precisamos refletir sobre o que devemos conservar e o que é preciso abandonar.

Mas a questão é que não pode haver uma Metamorfose sem a consciência de que a regeneração deve ocorrer no duplo sentido do ambiente externo e do ambiente interno. Subjetividades amputadas, indivíduos assujeitados não são capazes de promover qual-

quer tipo de transformação. Muito menos em uma sociedade individualista e competitiva como a nossa.

De modo contraintuitivo, Sloterdijk propõe, a exemplo de Jean-Pierre Dupuy, um “pensamento apocalíptico esclarecido” contra a “frivolidade do otimismo tolo”. Caso contrário, o mais provável é a catástrofe. O “pensamento apocalíptico” é simultaneamente de precaução e urgência. Felizmente, os momentos de crise “favorecem as piores destruições e regressões, mas podem também favorecer as soluções e imaginações”. Nas palavras de Morin, o que não se regenera se degenera. E esse é o ponto em que chegamos, talvez um ponto de não retorno, mas de decisão. Para ambos os autores, não se trata de uma dicotomia entre um pensamento pessimista e outro otimista, mas sim da necessidade de escapar dessa dualidade se quisermos “mudar de via” e “mudar de vida”, individual e coletivamente.

Nos níveis micro e macro, a Metamorfose deve vir acompanhada de uma simbiose capaz de gerar uma sinergia entre as partes. São palavras de pensadores que observam a urgência do espírito do tempo,

consoante ao crescimento da barbárie. Por isso, afirma Sloterdijk, antes de pensar em melhorar o mundo é necessário e urgente protegê-lo. Caso contrário, pode não existir mundo para transformar.

É hora de substituir o imperativo categórico pelo imperativo metanoico, aquele capaz de mudar nosso ponto de vista, nossa consciência, nossas ações. Se há um imperativo categórico, diz Morin, tem que ser o da transformação urgente, ou da busca por uma nova via para o futuro da humanidade. Para Sloterdijk, “A linguagem da urgência alcança um nível superior a partir do momento em que fica claro que a sombra do irreversível já começou a recobrir a vastidão dos espaços de nossa vida contemporânea”. Morin segue de perto o mesmo raciocínio, e acrescenta: “A partir de agora, precisamos indicar a possibilidade e a necessidade de mudar de via. Não basta denunciar os malefícios da globalização, do capitalismo, do fanatismo. Precisamos enunciar as reformas e transformações necessárias”.

*

Finalmente, gostaríamos de agradecer ao *Collegium International*, na pessoa de seu Secretário-Geral, Alexandre-Sacha Goldman, que gentilmente concedeu os direitos de publicação deste livro para o Brasil. Foi ele quem promoveu, filmou, transcreveu e publicou parte de um longo diálogo, do qual este pequeno livro é apenas um extrato, realizado entre Morin e Soterdijk no ano de 2011, e que agora chega ao público brasileiro pela EDUFRN.

A ideia da publicação deste livro surgiu em 2020, no âmbito do Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura Marginália, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM/UFRN). Morin e Sloterdijk são dois interlocutores basilares em nossos trabalhos. No entanto, sem o financiamento da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFRN e o apoio do PPGCS/UFRN, do Instituto Humanitas (IH/UFRN), do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA/UFRN), da Secretaria de Educação a Distância (Sedis/UFRN) e

da Editora da UFRN (EDUFRN), o presente livro provavelmente jamais teria sido publicado. Deixamos registrada aqui nossa dívida de gratidão.

Agradecemos ainda à parceria afetiva e intelectual do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN) e do Núcleo de Estudos da Complexidade (PUC/SP). Tornar a Terra habitável começa pelo reconhecimento das forças de conjunção materializadas no amor e na amizade.

Embora tenham sido publicadas há uma década, as ideias aqui reunidas tornam-se cada dia mais atuais. Portanto, o presente livro pode ser lido como se tivesse sido escrito ontem. A pandemia que hoje assola o planeta só vem a confirmar sua urgência.

Natal-RN, 6 de maio de 2021.

DIÁLOGO ENTRE

EDGAR
MORIN

E

PETER

SLOTTER

DIJK

PETER SLOTERDIJK: Todos os organismos dependem de um bom funcionamento de seus sistemas imunitários. Em anos anteriores, propus a tradução de um certo número de conceitos da filosofia clássica nos termos de uma imunologia geral.

Estava em boa companhia, uma vez que o próprio Luhmann¹, o grande fomentador da reflexão sistêmica, já havia utilizado uma espécie de metabiologia para analisar os sistemas sociais e, muitas vezes, referiu-se ao direito como sendo um sistema de imunologia social. Mas é preciso ir mais além, e prosseguir na direção de uma imunologia geral. Podemos considerar que o ser humano se compõe de

1 Niklas Luhmann (1927-1998), sociólogo alemão. (N.Ts.)

três sistemas imunitários superpostos. O primeiro é o sistema da imunologia biológica, a imunologia do corpo, que revolucionou nossas ideias sobre a saúde do corpo. O segundo é o da imunologia jurídica e solidária, e o terceiro é o da imunologia simbólica: são as mitologias, as religiões e as grandes interpretações de nosso ser no mundo. Até hoje, é evidente que cada comunidade real, cada povo, cada cultura desenvolveu seu próprio sistema imunitário simbólico. O que conduziu à situação paradoxal de que, para assegurar sua própria proteção imunitária, era necessário prejudicar o sistema imunitário dos outros. Mesmo o fenômeno da dominação do homem pelo homem pode ser reinterpretado a partir de uma terminologia político-imunitária. A vantagem imunitária de uns incluía automaticamente a desvantagem de outros.

Isso nos remete diretamente à ideia de comunidade, de interdependência². O conceito de comunidade implica o imperativo da sobrevivência

2 A noção de interdependência foi claramente antecipada pela declaração de interdependência do *Collegium*, que podemos consultar no site <http://www.collegium-international.org>.

comum. Não podemos conceber a sobrevivência de uns às custas do desaparecimento de outros, o que, desde o século XVIII, tem sido a inspiração de todos os discursos racistas na Europa. Os pensadores dos movimentos contrários ao Iluminismo logo perceberam que a ética universalista entrava numa situação crítica e forjaram a maldita doutrina do egoísmo das coletividades privilegiadas.

O antirracismo oficial dos nossos discursos políticos após a Segunda Guerra Mundial parece mostrar que a mensagem foi recebida. Mas é preciso desconfiar, pois continua a existir um racismo velado, a ideia de que se pode sobreviver melhor abandonando os outros: para a consciência cotidiana, os conceitos étnicos e familialistas ainda estão bastante presentes. Ainda não compreendemos que é preciso sobreviver com o estrangeiro: a unidade de sobrevivência é hoje a sobrevivência comum. Daí surge o novo imperativo categórico. Comporte-se sempre de maneira tal que a máxima de seu comportamento permaneça compatível com o crescimento da improbabilidade das formas de vida futuras.

Reformulamos o imperativo categórico em termos probabilísticos. O que você propõe é um imperativo que não somente é social e ético, mas também artístico. Não se deve impedir a arte futura, não se deve impedir as futuras formas de vida comum. Somos convocados pela crise, não é a arrogância que nos faz falar, mas a preocupação real.

Vou reunir alguns argumentos para tornar essa proposição um pouco mais plausível, começando por uma mitologia familiar. Estamos todos mais ou menos convencidos de que os antropólogos têm razão ao afirmarem que somos todos descendentes de um mesmo grupo de homens, *Homo sapiens*, que deixou a África por volta de 100 mil anos atrás. Como integrantes desse grupo, vivemos todo esse tempo num estado de dissipação denominado o primeiro êxodo. Algum antropólogo afirmou que, por volta do ano dois mil antes de Cristo, a humanidade se assemelhava a um *patchwork* de aproximadamente quinhentos mil pequenos grupos.

Podemos escrever a grande narrativa do movimento do gênero humano através do tempo: houve esse primeiro êxodo, esse estado de dissipação. Depois, com a criação dos primeiros impérios, assistimos a um movimento de inversão da dissipação. E todos os problemas que conhecemos são inerentes a esse processo, que foi um grande movimento de agrupamento da humanidade. Foi com os grandes impérios que de fato apareceram as primeiras éticas: os seres humanos desenvolveram conceitos éticos que iam além do tribalismo.

Estabeleceu-se, então, uma nova retórica humanitária que nos conduziu diretamente ao que eu denominaria um universalismo familialista. Esse universalismo baseia-se na hipótese contraintuitiva e inevitável de que somos todos membros de uma mesma família. Trata-se de uma provocação ética de primeira ordem: olhar para todos os estrangeiros que compõem a quase totalidade da humanidade como membros da família. Essa atitude corresponde a uma extensão extraordinária da alma humana.

Aristóteles foi o primeiro a criar um conceito para descrever essa nova situação, a megalopsiquia³. O indivíduo megalopsíquico é aquele que está sempre pronto para aceitar os outros como membros da família. No fim das contas, o imperativo categórico de Kant⁴ seria uma espécie de formalização do familialismo universal. As grandes

3 Originário do grego, o termo é traduzido por grandeza do espírito ou da psique, ou por percepção da magnanimidade. O indivíduo megalopsíquico honra o que faz ou busca a honra pelo que faz na justa medida. O homem portador de grandeza de espírito valoriza o que faz e deve ser reconhecido por isso. O homem magnânimo é completamente virtuoso, pois a honra e a grandeza de espírito não existem sem a virtude completa. Ver Aristóteles (385 a.C.-323 a.C.). *Ética a Nicômaco*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: DF, Editora da UNB, 4a. edição, 2001. Capítulo três do Livro IV. (N.Ts.)

4 Um dos principais conceitos da filosofia kantiana. Para Kant, o imperativo categórico é o dever de toda pessoa agir de acordo com princípios que seriam benéficos para todos os seres humanos. “Aja de tal maneira, por meio de suas máximas, como um membro legislador no reino universal dos fins.” Ver Immanuel Kant (1724-1804). *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden; seleção de Marilena de Souza Chauí Berlink. São Paulo: Abril Cultural, 1984. *Crítica da razão prática*; tradução de Valério Rohden. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

éticas eram como “surrealismos éticos”, redigidas em linguagem religiosa ou filosófica, no sentido antigo do termo. Na Antiguidade, um filósofo era membro de uma ordem religiosa, a ordem dos que pensam. Há aproximadamente três mil anos, os primeiros sábios separaram-se de sua comunidade e decidiram desenvolver formas de vida diferentes nos monastérios, na solidão, na meditação coletiva ou individual, e reformar totalmente a vida.

Contei a história dessa secessão ética em meu último livro, *Tens de mudar de vida*⁵. Vivemos numa época em que sábios, monges e eticistas retornam ao mundo: eles compreenderam o caráter dramático da separação entre a vida no mundo e a vida fora do mundo. Esse é igualmente nosso dilema. Se fôssemos monges, as coisas seriam mais fáceis: poderíamos orar. Mas agora nossas preces se transformaram necessariamente em reflexão comum. Tornou-se cada vez mais raro se conectar com a palavra “sabedoria”.

5 Peter Sloterdijk. *Tens de Mudar de Vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2018.

A modernidade é a época que excluiu a palavra “sabedoria” de nosso *Lebenswelt*, de nossa vida comum. Simbolicamente, considero importante o retorno dessa palavra, e esse grande interesse pela tradição espiritual que tem surgido em muitas partes do mundo. O século XX nos legou uma mensagem: não é suficiente mudar o mundo se não mudamos ao mesmo tempo o indivíduo. Descrita por Arthur Koestler, em seu livro *O Iogue e o comissário*⁶, essa grande oposição, que considero um

6 Arthur Koestler. (1905-1983). *L' Yogue et le commissaire*. Paris: Charlot, 1946. Seu livro *O zero e o infinito*, publicado em 1940, destaca a luta do indivíduo contra os totalitarismos e a perda de livre arbítrio em regimes autoritários. Exerceu forte influência sobre George Orwell, em *1984*, uma narrativa sobre as distopias do futuro, publicada originalmente em 1948. Ver Arthur Koestler. *O Zero e o infinito*. Tradução de André Pereira da Costa. Porto Alegre, RS: Globo, 1987. George Orwell. (1903-1950). *1984*. Tradução de Alexandre Hubner, Heloísa Jahn. Apresentação e organização de Marcelo Pen. Um apêndice de Orwell sobre os princípios da Novafala e uma iconografia intitulada *1984, 70 anos de capas*, resenhas de Golo Mann, Raymond Williams, Thomas Pynchon, Hommi Bhabha, Bernard Crick, George Packar completam essa indispensável edição comemorativa, fonte de futuras pesquisas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (N.Ts.)

momento luminoso na ética do último século, está em vias de desaparecer.

Nos dias de hoje, precisamos assumir esse intrincado problema ético. A priori, ninguém detém seu comando, embora devamos escolher um responsável capaz de responder à situação, de levar adiante um projeto comum. O surrealismo ético se transformou em realismo antecipador. Atualmente, nosso dilema reside no fato de que precisamos falar com firmeza, embora nos falte autoridade para isso. Hoje, demonstrar autoridade implicaria falar expressamente em nome da crise. O paradoxo da nossa situação é que quem conhece o assunto não pode falar com firmeza, isso porque o pior ainda não aconteceu. Se o pior já tivesse acontecido, nossa linguagem teria plenos poderes. A linguagem da prevenção é uma linguagem frágil.

EDGAR MORIN: Tudo isso a que você se referiu reitera e renova o que já dissemos a respeito da interdependência. Você transcreveu em termos de imunologia o que, na minha linguagem, eu digo sobre a cultura: uma cultura deve ser aberta e fechada.

Aberta para assimilar os alimentos bons para ela, mas fechada para salvaguardar seu núcleo identitário. Estamos numa época planetária em que, ao mesmo tempo em que ocorre uma unificação técnica e econômica do mundo, assistimos a separações étnicas, nacionalistas, religiosas e ao fechamento de algumas culturas. Tomemos o exemplo do Irã: constatamos que é bem possível manter um fechamento político e religioso e simultaneamente estar inserido em um fluxo mundial de técnicas e trocas.

Você destaca igualmente a meditação, a sabedoria, a espiritualidade, mas creio que não pode mais haver sabedoria à moda antiga, ou seja, uma vida inteira controlada pela razão, porque uma vida totalmente racional seria delirante.

Os trabalhos de Jean-Didier Vincent⁷ e António

7 Jean-Didier Vincent. (1935-) Neurologista e neuropsiquiatra. Membro da Academia Francesa de Ciências e da Academia Francesa de Medicina. Extremamente cético a respeito das teorias do transhumanismo, suas ideias são fortemente valorizadas no campo da ética. Membro do Comitê de Ética da Ciência do CNRS e do Comitê de Ética da Prevenção Agrícola do Instituto Nacional de Pesquisa em Agronomia. Seu livro mais conhecido é *Biologia das paixões*, originalmente publicado em Paris, pela editora Odile Ja-

Damáσιο⁸ demonstram que não existe razão pura. Para um matemático, mesmo o ato mais racional, como o cálculo matemático, vem acompanhado de emoções. Dito de outra forma, a afetividade não pode ser descartada. O ideal da sabedoria antiga era o de ter controle da afetividade por meio da razão. Hoje devemos ter consciência das doenças da razão, que são a racionalização, no sentido psicopatológico do termo (uma construção lógica sobre uma base delirante), e no sentido economicista (uma ordem hierárquica e mecânica em uma empresa para assegurar sua competitividade).

cob em 1986. Ver especialmente *Viagem extraordinária ao centro do cérebro*. Tradução de Rejane Janowitz; ilustrações de François Durkheim. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. (N.Ts.).

8 Antônio Damásio. (1944-). Neurologista e neurocientista. Suas reflexões sobre o cérebro, a consciência, as emoções desvendam os mistérios do corpo e da mente. Sem a consciência não haveria nem ciência, nem arte. Mesmo assim, como afirma o autor, a tarefa de compreender como o cérebro produz a mente consciente permanece incompleta. Ver especialmente *E o cérebro criou o homem*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; *O erro de Descartes. Emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, (N.Ts.)

Devemos ter consciência também das utilizações criminosas ou parciais da racionalidade, que Adorno e Horkheimer⁹ denominaram razão instrumental. A verdadeira racionalidade é aberta¹⁰, incluindo aquilo que a ultrapassa, e comporta a capacidade autocrítica, tesouro intelectual que Montaigne, Montesquieu, e Claude Lévi-Strauss nos legaram.

Creio que uma sabedoria moderna tem que manter um diálogo permanente entre a razão e a paixão. A razão sozinha é rígida, especialmente quando seu instrumento privilegiado de conhecimento é o cálculo. Desprovida do controle da razão, a paixão conduz ao delírio, à húbris, ao desregramento. A sabedoria deve dialogar o tempo todo com a loucura.

9 Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1969), expoentes da primeira geração da Escola de Frankfurt. Para ambos, a razão instrumental deve necessariamente ser superada pela razão crítica. Ver especialmente Max Horkheimer. *A eclipse da razão*. [1947]. Tradução de Carlos Henrique Pissando. São Paulo: Editora UNESP, 2015. (N.Ts.)

10 Ver *Para uma racionalidade aberta*, em Edgar Morin. *A aventura de O Método*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições SESC, 2020.

A sabedoria da vida não pode limitar-se à temperança, à moderação, à sobriedade. Um verdadeiro amor não pode ser moderado, nem tampouco pode ser cego: ele necessita sempre da vigilância sutil da racionalidade. A vida humana precisa de poesia, de êxtase, seja ele comunitário, estético, lúdico e, com frequência, tudo isso junto. Por outro lado, penso na *sobriedade feliz*, termo desenvolvido atualmente por esse grande espírito pioneiro que é Pierre Rabbi.¹¹

É verdade, essa sabedoria é necessária. Mas esquecemos que, entre os povos arcaicos, cuja vida cotidiana é regida pela sobriedade, existem as festas, os momentos de explosão, de excessos que duram vários dias. É preciso integrar as transgressões da orgia na continuidade sóbria. É preciso desenvolver a parte do *Homo demens* no *Homo sapiens*. O tema da necessária regulação cotidiana deve ser acompanhado também do tema da festa, nos múltiplos sentidos que lhe

11 Pierre Rabbi (1938-). Ensaísta, agricultor, ambientalista internacionalmente conhecido líder do movimento em prol da agroecologia na França e de sociedades não violentas em todo o planeta. (N.Ts.)

deu Roger Caillois¹² e, como teria dito Georges Bataille¹³, é preciso que a uma consumação moderada correspondam momentos de consumação frenética, extática. Creio que no êxtase existe algo que vai mais além da sabedoria e da loucura.

Os seguros totais oferecidos pelas seguradoras compensam o risco com dinheiro, mas não evitam o risco que corremos desde o momento em que seguramos o volante. Viver é também assumir riscos. Isso porque cada decisão vital implica um desafio. Nossas vidas exploram seus caminhos oscilando entre as angústias e as futilidades. Como afirma Patrick Viveret¹⁴, precisamos, ao mesmo tempo, de

12 Roger Caillois (1913-1978). Ver *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Tradução de Maria Ferreira; revisão técnica de Tânia Ramos Fortuna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

13 Georges Bataille (1897-1962). Ver *A parte maldita. Precedida de "A noção de dispêndio"*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Prefácio de Jean Piel. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013; *O erotismo*. Tradução, apresentação e organização de Fernando Scheibe; prefácio de Raúl Antelo; posfácio de Eliane Robert Moraes.

14 Patrick Viveret (1948-). Filósofo do Instituto de Estudos Políticos de Paris. Participa ativamente dos Fóruns Sociais Mundiais. Ver Edgar Morin, Patrick Viveret. *Como viver em tempos de crise*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

serenidade e de intensidade. Nossa necessária reforma de vida exige uma meta-sabedoria capaz de integrar a paixão na razão.

Retorno ao problema da relação entre a ética e o que você denominou muito bem de nossos triplos sistemas imunitários. Eu diria a mesma coisa com minhas palavras. Defino a realidade humana como uma trindade indivíduo-sociedade-espécie, sendo que cada um desses termos é simultaneamente coprodutor dos outros (os indivíduos são simultaneamente produzidos e produtores do ciclo de reprodução da espécie, produzidos e produtores da sociedade), mas também estão contidos uns nos outros (estou na sociedade, mas a sociedade com sua cultura e sua linguagem está em mim, estou contido na espécie humana, mas ela também está em mim). Existem, portanto, três direções éticas: a ética para si e para os seus, a ética para a sociedade, a ética para a espécie humana. Cada uma dessas éticas tem como fonte o binômio responsabilidade/solidariedade. Na primeira ética ele fica restrito à família, na segunda, à sociedade.

Responsabilidade e solidariedade constituem o mínimo vital ético das sociedades arcaicas. Esse bi-

nômio operava no interior das culturas singulares, mas não era aplicado para o exterior: o “não matarás” é válido dentro de uma mesma cultura, mas é permitido matar os que pertencem a outras culturas, e também se deve matar os inimigos. Embora nas sociedades históricas, e sobretudo nas sociedades modernas, a responsabilidade e a solidariedade estejam corrompidas, elas continuam a existir no seio das famílias e permanecem vivas na ética social das consciências cidadãs.

Nos dias atuais, devemos ultrapassar (e, simultaneamente, conservar) essas duas éticas. Mas como? Até a era planetária atual, a ética universalista era abstrata, mas hoje a era planetária nos tornou ainda mais interdependentes e unidos em uma comunidade de destino, já que todos os seres humanos estão sendo ameaçados pelos mesmos perigos mortais (degradação da biosfera, multiplicação das armas nucleares, economia desregulada e submetida à especulação do capital financeiro, ao desencadeamento de múltiplos fanatismos). Otto Bauer¹⁵

15 Otto Bauer (1891-1938), social-democrata austríaco. (N.Ts.)

definiu uma pátria pela noção de comunidade de destino passado, presente, futuro.

Nos dias atuais, é necessário ampliar o que Bauer dizia a respeito de uma nação, mas no contexto de uma imunologia generalizada para a humanidade. Herdada do passado, a humanidade desunida tem doravante uma comunidade de destino presente e futura no planeta Terra. Um planeta que deveria se tornar Terra-Pátria. Essa noção de pátria é bissexual, ela começa paternal e termina maternal. Ela comporta, portanto, uma potente realidade simbólica/mitológica paternal-maternal. É isso que justifica a constituição da terceira proteção imunitária, simultaneamente mitológica, simbólica e concreta, da Terra-Pátria. Mas a consciência planetária ainda é fraca.

Ameaçada por ela mesma, a espécie humana deve se resguardar da morte protegendo-se do declínio das próprias forças. Karl Jaspers¹⁶ compreen-

16 Karl Jaspers (1883-1969). Ver especialmente *A questão da culpa*. Tradução de Claudia Dornbuch. São Paulo: Todavia, 2018. Originalmente publicado em 1946, o ensaio de Jaspers recebeu críticas extremamente positivas de Hannah Arendt e Paul Ricœur.

deu muito bem que, com o advento da era nuclear, a humanidade deveria se transformar para sobreviver. Acredito efetivamente que a salvação estaria na busca de uma nova via do futuro humano que conduziria a uma metamorfose. Por isso, é preciso integrar o imperativo cognitivo ao imperativo ético.

Pascal¹⁷ afirmava: “Trabalhem, pois, para o pensar bem, eis o princípio da moral”. É claro que Pascal não queria, de forma alguma, submeter a moral ao conhecimento. Ele intuiu aquilo que o imperativo kantiano ocultou: que as consequências de nossas ações devem ser levadas em conta antes da ação. Não basta ter boas intenções para agir bem. A ética pode incorrer no erro: acreditamos trabalhar para o bem da humanidade sem saber que trabalhamos para sua escravização, assim como fizeram muitas gerações de

17 O pensamento de Blaise Pascal citado por Edgar Morin integra o item 200, página 86, dos Papeis classificados. É antecedido da seguinte formulação: “Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não conseguimos preencher.” Ver Blaise Pascal. *Pensamentos*. Edição, apresentação e notas de Louis Lakuma. Tradução de Mônica Laranjeira. Revisão técnica e Introdução à edição brasileira de Franklin Leopoldo e Silva. (N.Ts.)

bons comunistas. É preciso ter uma estratégia. É preciso permanecer vigilante para que o resultado concreto de nossa ação não culmine no resultado inverso ao esperado.

É importante também integrar a ideia da responsabilidade em relação às gerações futuras desenvolvida por Hans Jonas¹⁸. Incontestavelmente, isso nos conduz a ampliar a responsabilidade e a solidariedade no futuro, e não apenas numa perspectiva espacial, mas também transgeracional. Com essas complementações temos doravante o universal concreto, para retomar a expressão de Hegel.

PETER SLOTERDIJK: Solidariedade e responsabilidade são duas noções recentes. No século XIX, a ideia de solidariedade tornou-se um termo político. Antes ela era uma noção jurídica referente ao que hoje denominamos responsabilidade civil. A responsabilidade apareceu apenas no século XX. O importante agora

18 Hans Jonas (1993-1993). *O Princípio Responsabilidade*. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. [1979]. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

é se perguntar o que teria acontecido para garantir o extraordinário prestígio desses dois novos conceitos: uma densificação do gênero humano num espaço de circulação criando tamanha tensão que a coesão se tornou inevitável. A coerência de um grupo de pessoas que não tinham nada a ver umas com as outras, como os operários do século XIX, conduziu a essa unidade imaginária que se denomina solidariedade. Fez com que os operários participassem da megalopsiquia, para retomar a expressão cunhada por Aristóteles no momento do declínio da pólis. Ele, de fato, havia constatado que a primeira condição importante de existência da cidade é ter um grupo importante de indivíduos que pratiquem a megalopsiquia. Alexandre transpôs a megalopsiquia para o nível do despotismo, do império. Ele contraiu o vírus persa. Ele importou a ideia persa do grande rei, do Rei dos reis, aquele que não domina um povo, mas que domina os reis. Mais tarde essa ideia foi transmitida ao Império Romano e, finalmente, propagou-se pela Europa.

A solidariedade é esse esforço para treinar as pessoas que ainda não aprenderam a ser membros de uma grande comunidade, composta sobretu-

do de estrangeiros. E isso requer um treinamento permanente. O declínio do movimento operário ocorreu porque deixamos de praticar esse exercício espiritual. Toda virtude é improvável: mas, graças à história do movimento operário, sabemos que esse esforço foi frutífero.

Quanto à responsabilidade, você tem razão de ressaltar a novidade e universalidade do conceito: precisamos agora incluir o cálculo de todas as consequências não voluntárias de nossos atos, os efeitos secundários, colaterais, e até mesmo o que chamamos de efeitos perversos. Esse é o modo de agir do homem responsável que se transformou em ator principal da cena moderna.

Para nós, a época da externalização dos efeitos das nossas ações está terminando. Vivemos os derradeiros dias de externalização de nossas baixezas. De um dia para o outro, tornamo-nos responsáveis. O fato é que não estamos habituados a isso. Ainda somos frívolos: frivolidade é considerar que amanhã é um outro dia. Nesse sentido, até mesmo Jesus foi frívolo: “A cada dia sua pena”. Perdemos

o privilégio da indiferença, típica da humanidade passada. Entramos em um outro regime temporal. Entramos em um profundo futurismo.

EDGAR MORIN: Nossa ética deve conter uma dimensão simultaneamente pessoal, social, planetária; não somos nada mais do que seus arautos. Você tem razão de ressuscitar o termo megalopsiquia, a grande alma. Precisamos aprender a ser grandes almas. Afinal, não é isso que queria dizer *mahatma*¹⁹, o nome que se deu a Gandhi? Que fique claro que essa grande alma é diferente da noção da bela alma que os sarcasmos de Hegel propunham.²⁰

Penso que a reforma da vida pessoal se encaixa muito bem com a reforma ecológica, desde que

19 Na cultura indiana, *mahatma* significa grande mestre espiritual.

20 Para Hegel, o maior sintoma da bela alma reside na incapacidade de agir, pois permanece presa ao ideal de uma forma abstrata. Mesmo recusando o destino e rejeitando qualquer envolvimento com o mundo objetivo, cedo ou tarde, porém, essa bela alma terá de se confrontar com as razões dessa inação, o que pode acarretar seu desaparecimento como “uma bruma sem figura que se dissolve no ar.” Ver George Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). *Fenomenologia do Espírito*. Dois volumes. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. (N.Ts.)

somadas à preocupação com o que denomino a poesia da vida. Em oposição ao que fazemos por necessidade e obrigação, que é a prosa da vida, a poesia da vida é aquilo que fazemos na comunhão, no amor ou na amizade, nos maravilhamentos, nas alegrias estéticas, na festa. A mensagem ecológica é necessária e insuficiente. Ela explicita apenas as degradações exteriores e visíveis. Simultaneamente à mensagem ecológica dos anos 1970, propagou-se a mensagem existencial de Ivan Illich, que chamava a atenção para as degradações interiores de cada um provocadas por nossa civilização.

As degradações exteriores dos ambientes natural e urbano são visíveis, enquanto as determinações civilizacionais de nossas degradações interiores não são visíveis. Elas são vivenciadas no plano individual, como enfermidades, angústias, solidões, insônias, depressões, na ignorância de suas condições históricas e civilizacionais. Procuramos respostas individuais: psicoterapias, psicanálises, yoga... sem falar, é claro, de toda a gama de antidepressivos e psicotrópicos. Não se compreende o mal-estar da alma e da mente quando o bem-estar material deveria trazer a felicidade.

Da mesma forma, é preciso religar a mensagem ecológica, que, se bem compreendida, nos faz transformar o sempre mais em sempre melhor, como a mensagem de Ivan Illich²¹, que nos incita a dar primazia à convivialidade consigo mesmo e com o outro.

PETER SLOTERDIJK: Em seus argumentos, identificamos simultaneamente duas linguagens, a linguagem da razão e a da poesia. É precisamente a definição epistemológica da linguagem sistêmica que você pratica. Essa atitude difere bastante da atitude de um grande colega alemão, Niklas Luhmann, que desenvolveu a ideia do cérebro sistêmico e que pessoalmente havia desaprendido a língua comunicativa, a língua do coração, a língua dos sons humanos.

Devo confessar que o que me atraiu nas suas obras foi precisamente o fato de elas esboçarem uma nova completude. Após o colapso da esquerda, com o caso do sequestro de um avião desviado

21 Ivan Illich (1908-2002). Importante pensador austríaco. Escreveu sobre diversos temas, dentre eles a educação. (N.Ts.)

para Mogadíscio, em 1977²², e o suicídio do grupo Baader²³, a Alemanha perdeu as ilusões. Foi nessa época que nosso país viveu um renascimento do pensamento ecológico, que para nós havia surgido

22 O sequestro do voo 181 da Lufthansa para Mogadíscio, capital da Somália, por um comando da Frente Popular de Libertação da Palestina, FPLP, ocorreu em 13 de outubro de 1977. Os sequestradores exigiam a libertação do grupo liderado por Andrea Baader. O sequestro envolveu um longo período de negociação dos reféns que se encontravam a bordo da aeronave que acabou sendo invadida por um esquadrão antiterror alemão denominado Fogo Mágico, causando mortes, demora na liberação total dos sequestrados, principalmente dos jornalistas, além de traumatismos de várias ordens. O avião foi abandonado no Brasil durante uma década. Quarenta anos depois, em 2017, retornou à Alemanha para se tornar peça de museu, símbolo da resistência contra os terrorismos. (N.Ts.)

23 Grupo liderado pela jornalista Linka Meinhof e pelo anarquista Andreas Baader. Originário das revoltas estudantis alemães em 1967/1968, seus principais líderes, RAF, que se autointitulavam uma facção do Exército Vermelho, morreram na prisão, em outubro de 1977, ao fim do chamado Outono Alemão. As causas do suposto suicídio até hoje não foram suficientemente esclarecidas. A história foi convertida em filme dirigido por Uli Edel, O Grupo Baader-Meinhof, que estreou no Brasil em outubro de 2009, tendo concorrido ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Perdeu para o filme japonês Okuribito, dirigido por Yojiro Takita. (N.Ts.)

por volta da Primeira Guerra Mundial. Dissidente da Alemanha Oriental, Rudolf Bahro²⁴ escreveu então alguns livros que influenciaram fortemente uma nova esquerda. Mais precisamente, *Die Logik der Rettung* [A Lógica da Salvação], uma obra que se apresentava como a matriz de uma nova corrente do pensamento ecológico. No entanto, como pensador pós-marxista, Bahro não conseguiu problematizar suas questões sem fazer uso da terminologia da revolução. O que mais me interessou em sua nova abordagem foi o fato de você ter substituído o termo “revolução” por “metamorfose”.

Estou plenamente convicto de que tal substituição poderia ser considerada como a expressão semântica mais importante do século XXI. Isso

24 Teórico crítico do socialismo nascido na Alemanha Ocidental, Rudolf Bahro foi preso após a publicação de seu livro *A alternativa* (Paris: Stock, 1977), cujo editor era Patrick Charbonneau. Essa obra suscitou um grande interesse entre todos aqueles que buscavam fazer uma crítica de esquerda ao “socialismo real”. Posteriormente, Bahro tornou-se um dos principais teóricos da ecologia política. (Rudolf Bahro. *Logik der Rettung*, Weitbrecht, Stuttgart, 1987).

porque a palavra metamorfose requer uma outra gramática, diferente daquela a que pertence o termo “revolução”, já que a palavra “metamorfose” contém não apenas uma exigência de ação, como também alguma coisa que precisamos assumir.

EDGAR MORIN: De fato, na metamorfose ocorre uma transformação radical, mas também uma continuidade. Há simultaneamente manutenção e transformação da identidade, enquanto a revolução é concebida apenas em termos de ruptura: “Façamos tábula rasa do passado”, exalta a Internacional Comunista. Creio que a salvação exige que se pensem as condições da metamorfose em sentidos que vão além da antinomia revolução/conservação. Elas não são mais termos contrários, mas sim termos que mantêm uma relação que a partir de agora denomino dialógica ou dialética. Temos fabulosas heranças culturais para conservar que, por sua vez, contêm em si mesmas os princípios que levam à metamorfose.

Outra antinomia deve ser igualmente ultrapassada: trata-se da oposição entre subjetividade e objetividade. Eu já usava a intuição em meu método

sociológico quando, após a pesquisa de campo que fiz na comunidade de Plozévet, em 1965, indiquei que era preciso unir o máximo de subjetividade, ou seja, de atenção e de amor, com o máximo de objetividade, ou seja, de cinismo e de distância. No que concerne ao nosso planeta, creio que é preciso fugir do ponto de vista unilateral e dominador do que se pode chamar de Ocidente ou de Norte.

A mundialização e o desenvolvimento são, na verdade, processos de ocidentalização ou de nortificação. É claro que existem contribuições positivas de nossa civilização ocidental – a democracia, as liberdades, os direitos humanos – mas, paralelamente, também existem carências e destruições. As civilizações tradicionais são portadoras de conhecimentos, de habilidades e de artes de viver, mas ao mesmo tempo admitem autoritarismos, escravizações tribais, feudais, religiosas, que afligem sobretudo os desfavorecidos, as mulheres e os jovens.

Devemos combinar nosso individualismo com os solidarismos dessas civilizações. Defendo a iniciativa de ultrapassar a ideia de desenvolvimento e

adotar a ideia de uma simbiose de civilizações, Ocidente e Oriente, Norte e Sul. Como filho do Mediterrâneo que sou, penso que a região do Mediterrâneo Sul não deve apenas receber lições do Norte, ela deve poder também fornecer lições ao Norte.

Nietzsche foi o primeiro a compreender que, no mito da Grécia Antiga, concebida como momento de pura harmonia, não se deveria enxergar unicamente o ideal clássico de beleza, mas também a violência e a embriaguez. A Grécia é Dionísio e Apolo indissociavelmente ligados. Nietzsche entendeu que o Mediterrâneo era um cadinho extremamente complexo de raças e culturas, no qual podemos absorver as ideias de serenidade e intensidade, unindo-as.

Mais que todos os problemas que conhecemos, entre eles o câncer representado pelo conflito Israel-Palestina, o que ameaça o Mediterrâneo hoje é acreditar que a solução vem unicamente do Norte – do desenvolvimento, da lógica, da mecanização, da quantificação, da eficácia, da rentabilidade – e tudo em detrimento da qualidade de vida. O que sobrevive no mundo Mediterrâneo são as artes de viver, as culturas da extroversão, da comunicação e do encontro.

Concretamente, por que os alemães e os ingleses viajam de férias e vão para as praias do Mediterrâneo, obedecendo assim a um imperativo já presente no pensamento de Hölderlin²⁵ e de Goethe,²⁶ senão pelo fato de que, além do repouso, suas praias convidam a um outro estilo de vida? Os norte-europeus vivem a seu modo o que Marcel Mauss descreveu em seu estudo sobre a religião dos Esquimós.²⁷ Ele percebeu que os esquimós tinham duas religiões, uma religião de verão e uma religião de inverno, cujos deuses não eram os mesmos – os deuses de inverno os protegiam dentro de seus iglus e os deuses de verão os ajudavam em suas atividades de caça e pesca.

25 Friedrich Hölderlin. (1770-1843). Poeta e romancista alemão. (N.Ts.)

26 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1842). Romancista alemão. Um dos líderes do movimento literário Sturm und Drang. Uma de suas obras mais famosas é *Os sofrimentos do jovem Werther*. (N.Ts.)

27 Mauss (1872-1950). “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós”. Estudo de morfologia social. Em *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PETER SLOTERDIJK: Então, dentro do mesmo grupo, havia duas culturas diferentes?

EDGAR MORIN: Exatamente. E, no fundo, aqui em nossa região acontece a mesma coisa com quem sai de férias ou viaja no final de semana e regularmente oferece sacrifícios a uma outra religião que não a do trabalho. O trabalho é submetido à cronometria, à especialização. Mas, quando estão de férias, as pessoas saem da cama quando querem, comem na hora que desejam, se vestem de forma descontraída e levam uma vida poética, o que é a antinomia da vida prosaica do trabalho, e isso as ajuda a suportarem as obrigações assim que voltam para a cidade. Diante disso, é o caso de se perguntar se não seria necessário substituir a alternância das férias e lazes por uma alternativa de reforma de vida.

PETER SLOTERDIJK: Acho que sempre vivemos à sombra dessa grande definição que o século XIX, sobretudo em sua tendência marxista, nos legou ao afirmar que o trabalho seria sobretudo as trocas metabólicas do gênero humano com a natureza.

Vivemos ainda no desdobramento dessa grande interpretação da existência humana. Estamos condenados a nos conceber, a refletir sobre nós mesmos usando a terminologia do metabolismo.

Somos consumidores integrais, consumimos literalmente tudo. Tornamo-nos quase antropófagos, na medida em que agora devoramos as artes de viver que as diversas tradições planetárias desenvolveram. Estou de acordo quando você afirma que um dos grandes desafios do futuro será desenvolver um saber comum quando se trata da arte de viver. O conceito de sabedoria deve entrar em cena, isso porque sem sabedoria os males psíquicos que você mencionou, esse “mal-estar na civilização”, irão criar uma tensão mortífera.

Somente uma nova cultura da sabedoria, uma nova cultura do exercício prático da ética nos salvará desse envenenamento generalizado que provoca a necessidade de viver em permanente competição. Se a competição econômica e a competição esportiva permanecem restritas a seus próprios domínios, elas podem gerar coisas bastante criativas e sadias. Mas a competição generalizada envenena o sentimento

de viver gerando um mal-estar para o qual seria vão criar qualquer tipo de esperança, nem mesmo como resposta consoladora.

É preciso, ao contrário, tomar todas as devidas precauções. Quando era mais jovem, propus colocar na prisão todos aqueles que falassem de esperança, porque isso contribui para a catástrofe. A exemplo de Jean-Pierre Dupuy²⁸, que defende, há mais de 30 anos, a ideia de um pensamento apocalíptico esclarecido, creio que se não imaginamos sempre o pior sucumbimos necessariamente na frivolidade e no otimismo tolo. Essa frivolidade de base é inerente ao otimismo natural do ser humano.

EDGAR MORIN: Concordo plenamente com a ideia de que é preciso ser um apocaliptista esclarecido, embora o apocalipse não seja a catástrofe, mas sim a luta final. A revolução, do modo como foi pensada por Rosa Luxemburgo²⁹, era apocalíptica, uma

28 Jean-Pierre Dupuy. (1941-). Ver *Pour un catastrophisme éclairé*. Quand l'impossible est certain. Paris: Seuil, 2004.

29 Rosa Luxemburgo (1871-1919). Filósofa e economista marxista polaco-alemã ligada à social-democracia. (N.Ts.)

irrupção das forças do mal que iriam justamente permitir a emergência das forças do bem. Em minha opinião, não acho que a catástrofe seja inevitável, mas sim provável. E insisto no sentido da palavra “probabilidade”, ou seja, em tudo aquilo que um observador, em um dado lugar, em um tempo dado, dispondo das melhores informações, pode prognosticar para o futuro.

Creio realmente que o curso atual das coisas segue provavelmente rumo a catástrofes ecológicas, nucleares, políticas, resumindo, rumo a uma policatástrofe. Mas probabilidade não significa inevitabilidade. O que é importante na história? O surgimento do inesperado que vem para desmentir as previsões, seja para o pior, como o 11 de setembro de 2001, ou para o melhor, o bem, como a eleição de Obama ou, atualmente, as revoluções árabes³⁰. Creio que toda crise, por mais que favoreça as piores destruições e regressões, pode também favorecer as soluções e as imaginações.

30 Trata-se de um diálogo realizado em 2011, época da chamada Primavera Árabe. (N.Ts.)

Até o presente, tivemos a tendência de confundir a esperança com a certeza. A ideologia do progresso acreditava ser a lei da história. Enquanto a ideia de progresso como lei da história esteve presente nas mentes humanas, a certeza do determinismo histórico alimentava a esperança. Hoje, que não há mais lei da história, a esperança se depara com sua fragilidade, já que cada vez mais a esperança não pode se desenvolver senão na desesperança. “Lá onde cresce o perigo cresce também o que salva”, já afirmava Hölderlin.

PETER SLOTERDIJK: Sabedoria, hoje, é ter consciência de que nem o melhor, nem o pior estão garantidos. Podemos resistir continuamente aos determinismos, e isso deixa sempre uma margem de manobra para uma evolução histórica, ou pós-histórica, que poderia conduzir à metamorfose necessária.

De fato, a sabedoria necessária hoje não pode se contentar em reproduzir as proposições dos Antigos. A filosofia moderna demonstrou que perdemos a possibilidade, e mesmo a esperança, da fuga do mundo. Entre os Antigos, a angústia era sempre

compensada pela ideia da fuga do mundo, seja por meio de uma ruptura total com a realidade comum, ou de um subterfúgio espiritual que permitiria imaginar uma outra vida. Hoje em dia esse isolamento não é mais imitável. Isso não apenas porque não se pode mais encontrar um lugar que esteja completamente ao abrigo da turbulência generalizada, mas sobretudo porque nossas paisagens imaginárias não contêm mais nenhum lugar protegido.

O que eu acrescentaria a esse novo discurso da sabedoria é a necessidade de reaprender a arte de viver, de aprender a se desintoxicar de um ambiente psicológico que cotidianamente envenena você pela necessidade de sempre se comparar a alguém que vive melhor, que possui mais coisas, que tem mais poder etc. Toda arte da autonomia nos remete a essa arte da não comparação. A grande armadilha psicológica de nosso tempo reside nessa compulsão de comparação, nessa enciclopédia de novas doenças psicológicas que vai crescer cada vez mais.

EDGAR MORIN: Essa compulsão de comparação integra-se na ilusão de que o mais é melhor numa civilização em que a salvação está no mais. Por isso, uma ampla desintoxicação civilizacional tornou-se necessária. Não se trata apenas de se libertar da publicidade, da intoxicação do automóvel, dos diversos vícios que nos impedem de enfrentar as dificuldades da existência. É preciso mostrar como nossa civilização gera mal-estar e simultaneamente as intoxicações que vão acalmá-lo, desde que sejam constantemente renovadas.

Embora essa civilização tenha criado produtos de grande utilidade como a geladeira, a máquina de lavar, o automóvel, bem como produtos lúdicos que não são nada desprezíveis, já que o divertimento não se resume apenas ao “divertimento” pascaliano³¹, ele é também um dos traços poéticos da existência.

31 Para Pascal, o divertimento é considerado como um dos estratégias do homem para fugir de si mesmo, para desviar o pensamento de suas próprias misérias existenciais e da incapacidade de ficar quieto num lugar. Em um dos pensamentos ele afirma: “Toda a infelicidade do homem provém de uma única coisa: de não saber ficar quieto num quarto.” (N.Ts.)

Entramos, porém, num processo em que o supérfluo se tornou indispensável e a autonomia implica inúmeras dependências, no qual a publicidade exalta não somente as qualidades reais dos produtos, mas cada vez mais suas qualidades imaginárias ou mitológicas, em que produtos resistentes e de longa durabilidade são substituídos por produtos descartáveis e de curta duração. Marx já havia previsto isso muito bem quando afirmava que o capitalismo produz não somente um produto para o consumidor, mas também – e eu diria cada vez mais – um consumidor para o produto. Isso implica a necessidade, e insisto nisso, de mudar de via coletivamente, o que também significa mudar de vida pessoalmente. Creio ter compreendido que somente a reforma pessoal não basta, que a reforma econômica e social não é suficiente: é preciso que elas se combinem.

E não podemos esquecer da reforma cognitiva. Vivemos sob o domínio dos conhecimentos separados, compartimentalizados, dispersos, que permitem apenas saberes parcelares e separados que nos impedem de conceber e até mesmo de identificar os problemas globais e fundamentais. A separação

entre os conhecimentos impede o conhecimento. A separação dos conhecimentos nos torna cegos. Martin Heidegger afirmava com muita razão que “questionar destrói a ideia de compartimentalizar as ciências em disciplinas separadas”.

O estado atual do saber não nos impede apenas de ver e compreender os grandes problemas, ele impede de nos compreendermos uns aos outros. Não existe nada em nosso sistema educacional que ensine a praticar a compreensão do outro. Não somente dos povos estrangeiros, mas de nossos próximos. A incompreensão produz efeitos desastrosos nos lares, nas fábricas, nas empresas, nos escritórios.

Uma reforma cognitiva fundamental seria inseparável de uma reforma da educação e de uma reforma política. O reino dos especialistas em política contribui para a ausência do pensamento, e a política ficou à mercê do cálculo econômico, ou seja, do crescimento do PIB. Um pouco por toda parte vemos o movimento de iniciativas criativas para o futuro, que permanecem isoladas e que não são religadas. Nenhum partido, movimento ou governo percebe que elas existem.

De modo semelhante, nenhum partido ou governo percebe atualmente a existência dessa aspiração profunda, mas atualmente silenciosa. No curso da história humana e em todas as sociedades, a aspiração à harmonia se manifestou sucessivamente nos mitos do paraíso, na busca de uma vida de sabedoria, nas ideias de igualdade, como as dos gregos, nas revoltas, como a de Spartacus e a dos camponeses alemães de 1524, e, finalmente, no imaginário das utopias. Essa grande aspiração reapareceu no século XIX, com o nascimento dos pensamentos anarquistas, socialistas e comunistas, e no século XX, com as manifestações adolescentes de 1968. Ela esteve novamente presente nas primaveras árabes.

Hoje se sabe que jamais alcançaremos a harmonia absoluta, ou o melhor dos mundos. Eu até mesmo diria, como Heráclito, que Pólemo, o conflito, é o complemento da harmonia. Mas a aspiração da harmonia não é menos vital, ela vai nascer e renascer outra vez e vai alimentar as novas esperanças.

PETER SLOTERDIJK: Os projetos políticos de transformação do mundo nos séculos XIX e XX fracassaram. Mas hoje as coisas mudaram, porque antes de pensar em melhorar o mundo há urgência em protegê-lo. Coisa relativamente nova em relação ao que os grandes pensadores do progresso nos ensinaram. Pela primeira vez, a distinção conservador/progressista não funciona mais. Em um mundo em perigo, é preciso primeiro agir na linha de frente da salvação antes de sonhar com qualquer melhoria. O princípio da esperança se desdobra hoje em dia em princípio de urgência. Esses dois aspectos se combinam, e creio que um dos raros discursos contemporâneos que une esses dois aspectos em uma perspectiva comum é o seu. Além disso, eu gostaria de salientar a radicalidade com a qual você questiona as noções de desenvolvimento, crescimento e progresso diante do entendimento que habitualmente se tem delas. Sempre lembrando que o crescimento eterno e permanente é impossível, você consegue cortar o laço da ilusão que aparentemente forma o laço social do mundo contemporâneo. Mas

como imaginar um mundo que funcione sem os dogmatismos do desenvolvimento e do crescimento?

EDGAR MORIN: A noção de desenvolvimento é a aplicação do esquema ocidental em culturas muito diversas, sem levar em conta suas riquezas e singularidades, e é por isso que substituo essa noção pela ideia de simbiose. Por outro lado, acho que não é necessário se fechar na alternativa binária crescimento/decrescimento. É melhor se perguntar o que deve crescer e o que deve decrescer. O crescimento é desejável nas áreas da economia verde (novas energias, grandes trabalhos para despoluir as cidades), na economia social e solidária, que já está em crescimento, no comércio equitativo, nos trabalhos de utilidade pública, de solidariedade e convivialidade. O decrescimento é uma necessidade em relação aos dispêndios energéticos, aos gastos militares, às produções e consumos intoxicantes.

A partir de agora, precisamos indicar a possibilidade e a necessidade de mudar de via. Não basta denunciar os malefícios da globalização, do

capitalismo, do fanatismo. Precisamos enunciar as reformas e transformações necessárias. Não se trata tampouco de elaborar um programa ou um modelo de sociedade. Trata-se de indicar as vias que confluirão para uma nova via³². Como essa via é totalmente nova, não há modelos para imitar. No plano econômico, o problema não é saber se o capitalismo está condenado à morte ou se ele vai se regenerar. O problema é tentar descobrir como uma economia plural, que desenvolve pequenas e médias explorações agrícolas, artesanatos, cooperativas e serviços de saúde, pode progressivamente restringir a expansão do capitalismo.

A globalização econômica criou as infraestruturas de uma sociedade-mundo, ou seja, uma rede de comunicações e uma economia planetária. Mas ela impede essa sociedade de se elaborar criando instâncias de decisão legítimas e uma consciência de comunidade de destino. Uma eventual sociedade-

32 Edgar Morin. *A Via*. Para o futuro da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

mundo não pode ser um Estado-Nação ampliado em escala planetária. Essa estrutura seria totalmente outra, e sua organização totalmente outra. Seria uma criação pós-histórica e não se pode jamais conceber uma criação antes que ela surja. Não é possível senão anunciar e preparar as vias que poderiam convergir para uma única via. Somente uma nova via nos permitiria evitar o abismo. Salvar a humanidade do desastre é um imperativo categórico que impõe o imperativo categórico da transformação.

PETER SLOTERDIJK: Concordo plenamente. Isso significa que se trata de um imperativo metanoico, que implica mudar a si mesmo, ligado ao imperativo categórico. É isso que transforma o formalismo sublime da linguagem kantiana em uma linguagem endereçada a pessoas muito concretas, que se encontram em uma situação individual absolutamente singular. Falamos aqui a linguagem da possibilidade histórica, da necessidade do momento.

O marxismo já compreendia esse discurso da possibilidade histórica. É por isso que sempre carregamos em nós o luto das chances perdidas. Mas,

na dimensão em que nos encontramos agora, o domínio da urgência não oferece segunda chance. É isso o que entendo por “catastrofismo esclarecido”, um catastrofismo que deveria elucidar a diferença entre a linguagem da urgência e a da esperança. A resposta clássica acredita que sempre haverá um outro dia. Mas a teoria dos processos não pertence à mesma ordem que a teoria da história. A história, porém, é o domínio da segunda ou da terceira chance. A teoria dos processos conhece a dimensão do irreversível e esse é o termo técnico para catástrofe: um acontecimento irreversível.

Quando se ultrapassa um certo limite, nada será como antes e, nesse caso, as condições históricas nas quais os seres humanos aprenderam a esperar poderiam mudar tanto que não haveria mais nada a esperar. É por isso que minha tendência é sempre enfatizar a linguagem da urgência e ceder o segundo lugar à linguagem da esperança.

O mundo enfrenta processos que não são históricos, mas processos quase naturais situados na fronteira entre a história natural e a história humana. A

linguagem da urgência alcança um nível superior a partir do momento em que fica claro que a sombra do irreversível já começou a recobrir a vastidão dos espaços de nossa vida contemporânea.

EDGAR MORIN: Evidentemente, eu também enxergo o problema da urgência. Mas a linguagem da urgência só é compreendida nos lugares em que se tomou consciência da urgência. Quando as tomadas de consciência são muito limitadas, a linguagem da urgência torna-se vazia. É preciso primeiro tornar-se consciente. É urgente primeiro ter consciência da urgência. Ao mesmo tempo, é urgente começar sem ficar paralisados por nossa atual fraqueza.

Em sua origem, os grandes movimentos de transformação histórica foram desviantes e modestos. Quanto maiores as revoluções, menores foram seus pontos de partida. No início de duas gigantescas religiões, havia um profeta como Jesus ou Mao-mé seguido apenas por alguns discípulos. No início da incrível tecnociência de hoje, existiram mentes desviantes como as de Galileu, Bacon, Descartes. No

início do socialismo, algumas delas foram ignoradas pelos intelectuais e pela Universidade. Tudo começa por um desvio; se ele se enraíza e se transforma, torna-se uma tendência que, por sua vez, se converte numa força histórica. Os inícios são de uma modestia surpreendente. Estamos intimados a começar.

POS FÁCIO

EDGARD
DE ASSIS
CARVALHO

Há exatos dez anos, em 2011, por iniciativa de Sacha Goldman, o *Collegium Internatio-*
nal reuniu Edgar Morin e Peter Sloterdijk para um diálogo cujo intuito era pôr em circuito as ideias, os conceitos, os desejos e as perspectivas desses dois pensadores.

Em começos de 2020, um vírus zumbi veio assombrar a Terra, começou a devastar vidas indiscriminadamente, colocou o planeta em estado de alerta e deixou bem claro que um problema de escala global requeria soluções igualmente globais. Mas, como disse Hölderlin, lá onde cresce o perigo, cresce também o que salva. O cotidiano incumbiu-se de demonstrar que a única saída viável seria a imunização planetária.

Conglomerados farmacêuticos do mundo inteiro começaram a investir na formulação de vacinas e a testá-las em tempo recorde. Toda a tecnologia médica

de ponta foi posta em ação na busca de soluções capazes de conter o avanço viral. O espectro da morte precisava ser afastado a qualquer preço.

Embora alguns países desenvolvidos tivessem o poder econômico e a tecnologia médica ao seu alcance, governos populistas e negacionistas, como é o caso do Brasil, ignoraram e sabotaram orientações básicas dos cientistas. Mortes, tristeza, solidão, luto, pranteamento de entes queridos viraram rotina nas mídias globais, com flagrante constatação de que vida e morte estão inextricavelmente ligadas.

Ciência e populismo negacionista travaram batalhas pungentes. Invocada, responsabilizada, justificada, midiaticizada, a Ciência nunca esteve tão em voga, mas precisou enfrentar a violência do inaudito, do obscuro, e reconhecer que doses de incerteza, mistério, perplexidade sempre rondam suas descobertas, conquistas, previsões, valores.

Morin e Sloterdijk, assim como vários outros pensadores, de áreas disciplinares as mais variadas, empenharam-se com afincamento na decifração das consequências que, a curto e longo prazos, a pandemia

traria a todos, independentemente da cor, sexo, identidade, classe social.

Não faltaram alertas, propostas, previsões sobre o futuro planetário que, como se sabe, está sempre em aberto. Mas o caminho que se faz ao andar deve priorizar um novo imperativo ético, dotado de incontestável universalidade democrática, capaz de superar desigualdades imunitárias e tornar de novo a Terra habitável.

O livro que chega agora ao leitor brasileiro, por iniciativa do grupo Marginália, da UFRN, espelha essa intenção incandescente e vigorosa de dois pensadores cujos ditos e escritos enfatizam permanentemente a necessidade de mudar de via e de vida.

Logo de início, a desafiante possibilidade de religar os conceitos de coimunidade e de interdependência toma o leitor de assalto. A superposição dos três sistemas imunitários – biológico, jurídico, simbólico – proposta por Sloterdijk abre a brecha para garantir a sobrevivência da humanidade. É esse o imperativo categórico de caráter probabilístico que imanta nosso destino comum.

Mudar o mundo requer a inquietante mudança do indivíduo e da sociedade. Aceitar os outros como membros de uma mesma família é desafio de indivíduos megalopsíquicos, virtuosos e portadores de grandeza de espírito, destituídos de centralidade egóica, de egos ilusionistas e de arrogâncias. O restauro da sabedoria, da ética, começa assim. Não basta prevenir, precaver, é preciso se expressar por meio de um incessante trabalho apotropaico de linguagem capaz de integrar a parte no todo e o todo na parte.

O mundo vivencia um constante paradoxo: de um lado a uniformização global, de outro, o recrudescimento identitário das diferenciações étnicas, religiosas, sociais. Narcísica, a razão se fecha, obcecada por seu próprio reflexo num espelho quebrado. Intolerante, a racionalização se incumbem do resto.

Ao contrário disso, a proposta de Morin aposta na racionalidade aberta, que valoriza as emoções, resgata os afetos. Indissociáveis em suas múltiplas tramas, razão e emoção, razão e paixão, sabedoria e loucura, subjetividade e objetividade regem itinerários, dilemas e propósitos do sapiens

demens. Nas teias da vida, interdependência e permanência se entrelaçam.

A autoética, a socioética, a antropológica se relacionam e se articulam à triplicidade dos sistemas imunitários. A trindade indivíduo-sociedade-espécie integra necessariamente a imunologia geral, já que fortalece os nexos entre solidariedade, responsabilidade, coparticipação, convivência, empatia. Tão prioritários em tempos de crise e desolação, mas também de resiliência e renovação, esses nexos preconizam que as forças da concórdia devem prevalecer sobre as da discórdia. Para isso, o planeta deve se converter em Terra-Pátria, considerada como morada comum de todos os seres. A via do futuro reside na metamorfose, na transformação radical, não numa revolução ainda apegada a valores e privilégios pretéritos.

Mas, como adverte Sloterdijk, solidariedade e responsabilidade são noções recentes. O que se precisa agora é calcular, mesmo que seja árduo, as consequências de nossos atos, seus efeitos secundários, colaterais, perversos, e isso requer um trabalho de si, praticado nas ações cotidianas, por mais insignifican-

tes que possam parecer. É esse o perfil que deve reger as ações do homem responsável por si, pelo outro, pela sociedade, pelo cosmo.

Sempre controversa, a questão da linguagem assume papel relevante. Sloterdijk reconhece na argumentação de Morin que as linguagens da razão e da poesia constituem um sistema em que prosa e poesia são indissociáveis, e isso vale para as culturas científica e humanística. O que importa são as artes de viver, as culturas da extroversão que celebram o estar junto, o sentimento de que somos todos co-participantes da mesma aventura comum.

À medida em que a conversação avança, crescem a intimidade e a ressonância das ideias entre esses dois pensadores, empenhados em valorizar a mudança de si, a metanoia, como vetor da mudança do outro. Morin ressalta que *“Estamos intimados a começar”* e Sloterdijk alerta para o fato de que *“Quando se ultrapassa um certo limite, nada será como antes”*. Mais atual impossível para 2021.

Pelo acordo editorial, este livro não poder ser vendido, deve ser divulgado para todos os homens

de bem como parte de uma imunologia geral a ser disseminada, difundida e praticada em todos os cantos da Terra. As notas dos tradutores e a meticolosa revisão têm como objetivo ampliar as referências a pensadores de vários matizes que circundam o diálogo dos dois autores.

Tornar a Terra habitável, um pequeno-grande, demonstra que, diante do cenário da fragmentação e da especialização delirantes que cercam as noosferas e noologias atuais, fazer Ciência com consciência é uma utopia realizável, determinada, cuja urgência é inadiável.

São Paulo-SP, maio de 2021.

BIBLIOGRAFIA DE

EDGAR
MORIN

Os livros assinalados com asteriscos
foram traduzidos no Brasil.

NA COLEÇÃO PLURIEL

La Voie. Pour l'avenir de l'humanité. Paris: Fayard, 2011. *

EM OUTRAS EDITORAS

Comment vivre en temps de crises?, com Patrick Viveret. Paris: Bayard, 2010. *

Ma gauche. Paris: François Bourin, 2010. *

Pour ou contre Marx. Paris: Temps présent, 2010.

Edwige, l'inséparable. Paris: Fayard, 2009. *

Mon chemin. Entretiens avec Djénane Kareh Tager. Paris: Fayard, 2008. *

La Méthode. Paris: Seuil, 2 vols., 2008. *

Vers l'abîme? Paris: L'Herne, 2007. *

Où va le monde? Paris: L'Herne, 2007.

Le Destin de l'animal. Paris: L'Herne, 2007.

L'An 1 de l'ère écologique: la Terre dépend de l'homme qui dépend de la Terre, avec Nicolas Hulot. Paris: Tallandier, 2007.

Le Monde moderne et la question juive. Paris: Seuil, 2006. *

Culture et barbarie européennes. Paris: Bayard, 2005. *

Pour entrer dans le XXIe siècle, réédition de Pour sortir du XXe siècle. Paris: Seuil, 2004.

Éduquer pour l'ère planétaire : la pensée complexe comme l'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaine. Avec Emilio Roger Ciurana, Raúl Domingo Motta. Paris: Bayard, 2003.

La violence du monde. Avec Jean Baudrillard. Paris: Éditions du Félin, 2003. *

Pour une politique de civilisation. Paris: Arléa, 2002. *

Dialogue sur la connaissance. Entretiens avec des lycéens conçus et animés par Alfredo Pena-Vega et Bernard Paillard. Paris: Éditions de l'aube, 2002.

Journal de Plozévet, Bretagne, 1965, préfacé par Bernard Paillard. Paris: Éditions de l'Aube, 2001.

Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur. Paris: Seuil, 2000. *

Réliances. Préfacé par Antoine Spire. Paris: Éditions de l'Aube, France Culture, 2000.

Itinérance, entretien avec Mane-Chnstine Navarro. Paris: Arléa, 2000, 2006.

La Tête bien faite: repenser la réforme, reformer la pensée. Seuil, 1999. *

Relier les connaissances. Paris: Seuil, 1999. *

L'Intelligence de la complexité, avec Jean-Louis Le Motgne. Paris: L'Harmattan, 1999. *

Planète, l'aventure inconnue, avec Christoph Wult. Paris: ARTE/ Mille et une nuits, 1997. *

Amour, poésie, sagesse. Paris: Seuil, 1997. *

Pleurer, aimer, rire, comprendre: 1er janvier 1995-31 janvier 1996. Paris: Arléa, 1996. *

Les fratricides: Yougoslavie-Bosnie, 1991-1995. Paris: Arléa, 1996. *

- Une année Sisyphé.* Paris: Seuil, 1995. *
- Mes démons.* Paris: Stock, 1994. *
- Terre-patrie, avec Anne Brigitte Kern,* Seuil, 1993. *
- Un nouveau commencement, avec Gianluca Bocchi. Mauro Ceruti.* Paris: Seuil, 1991.
- Introduction à la pensée complexe.* Paris: ESF, 1990; Seuil, 2005. *
- Vidal et les siens.* Paris: Seuil, 1989. *
- Penser l'Europe.* Paris: Gallimard, 1987.
- Sociologie.* Paris: Fayard, 1984; Seuil, 1994. *
- Le Rose et le Noir.* Paris: Galilée, 1984.
- New York: la ville des villes.* Paris :Galilée, 1984.
- De la nature de l'URSS: complexe totalitaire et nouvel empire.* Paris: Fayard, 1983. *
- Science avec conscience.* Paris: Fayard, 1982. *
- Pour sortir du XX^e siècle.* Paris: Nathan, 1981; Seuil, 1984. *
- Journal d'un livre: juillet 1980 - août 1981* InterÉditions, 1981.

Mais. Paris: Oswald, 1978.

La Méthode. Paris: Seuil, 1977-2004: La Nature de la nature (t. 1, 1977), La Vie de la vie (t. 2, 1980), La Connaissance de la connaissance (t. 3, 1986), Les Idées (t. 4, 1991), L'Humanité de l'humanité (t. 5, 2001), L'Éthique (t. 6, 2004). *

Le Paradigme perdu, la nature humaine. Paris: Seuil, 1973. *

Journal de Californie. Paris: Seuil, 1970. *

Le Vif du sujet. Paris: Seuil, 1969. *

La Rumeur d'Orléans, avec Bernard Paillard, Évelyne Burguière, Claude Capulier, Suzanne de Lusignan. Paris: Seuil, 1969.

Mai 1968, la brèche: premières réflexions sur les événements, avec Claude Lefort et Cornélius Castoriadis. Paris: Fayard, 1968, 2008. *

Commune en France: la métamorphose de Plozévet. Paris: Fayard, 1967.

Introduction à une politique de l'homme, suivi d'*Arguments politiques.* Paris: Seuil, 1965, 1999. *

L'Esprit du temps: essai sur la culture de masse.
Paris: Grasset, 1962, Armand Colin/INA, 2008. *

Autocritique. Paris: Julliard, 1959; Seuil, 1975.

Les stars. Paris: Seuil 1957*

Le Cinéma ou l'homme imaginaire, essai d'anthropologie sociologique. Paris: Éditions de Minuit, 1956. *

L'Homme et la mort dans l'histoire. Paris: Corrêa, 1951. *

L'An zéro de l'Allemagne. Paris: Éditions de la Cité universelle, 1949. *

Une cornerie. Paris: Nagcl, 1947.

Allemagne, notre souci. Paris: Éditions Hier et aujourd'hui, 1947.

BIBLIOGRAFIA DE

PETER
SLOTTER
DIJK

Os livros assinalados com asteriscos
foram traduzidos no Brasil.

*Les Battements du monde. Dialogue avec Alain
Finkielkraut.*

Colère et Temps. *

Bulles. Sphères I. *

Globes. Sphères II.

Écumes. Sphères III.

*Essai d'intoxication volontaire, suivi de l'Heure du
crime et le temps de l'œuvre d'art.*

*Ni le soleil ni la mort. Jeu de piste sous forme de
dialogues avec Hans-Jürgen Heinrichs.* *

*Le Palais de cristal. À l'intérieur du capitalisme
planétaire.* *

EM OUTRAS EDITORAS

Tu dois changer ta vie, Maren Sell, 2011. *

*Règles pour le parc humain, suivi de La domestica-
tion de l'être.* Mille et une nuits, 2010. *

Théories des après-guerre. Remarques sur les relations franco-allemandes depuis 1945, Libella-Maren Sell, 2008.

La Folie de Dieu. Du combat des trois monothéismes. Essai, Libella-Maren Sell, 2008. *

Derrida, un Égyptien, Libella-Maren Sell, 2006. *

Si l'Europe s'éveille. Réflexion sur le programme d'une puissance mondiale et la fin de l'ère de son absence politique, Mille et une nuits, 2003. *

La Compétition des bonnes nouvelles, Mille et une nuits, 2002

Le Penseur sur scène. Le matérialisme de Nietzsche, Bourgois, 2000.

Critique de la raison cynique, Bourgois, 2000. *

La Mobilisation infinie. Vers une critique de la cinétique politique, Le Seuil, 2003 [2000]. *

Dans le même bateau. Essai sur l'hyperpolitique, Rivage 2003 [1997]. *

L'arbre magique. La naissance de la psychanalyse en l'an 1897. Flammarion, 1988. *



Este livro foi produzido
pela equipe da EDUFRN
em julho de 2021.



IH HUMANITAS
INSTITUTO DE ESTUDOS INTEGRADOS



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias